

LIMITAÇÕES DE UMA GUERRA SERTANEJA: reflexão sobre aspectos militares do *Contestado* (1912-1916)¹

Pedro Agostinho

RESUMO: Nos inícios do século XX, a construção da ferrovia que ligou São Paulo ao Rio Grande do Sul desencadeou profunda transformação, econômica, demográfica e política, com a poderosa e súbita intrusão da economia capitalista no planalto de Santa Catarina e Paraná, na região do Contestado, Brasil meridional. A construtora, uma concessionária norte-americana, recebeu o direito de explorar e operar essa via, e uma faixa de terra com 30 km. de largura, disposta de ambos os lados dos trilhos e ao longo de todo seu percurso. Destinava-se à exploração madeireira, assim como ao assentamento de colonos, sobretudo de origem estrangeira. Para tanto, os antigos posseiros, criadores de gado, agricultores, coletores de pinhão e de erva-mate foram expulsos das terras que exploravam, e que foram cobertas por aquela faixa, gerando hordas de sem-terras que se reagruparam em torno de carismáticos líderes messiânicos. Os chefes políticos regionais, ligados aos grandes terratenentes e apoiados na Igreja Católica, sentiram-se ameaçados pelos ajuntamentos milenaristas, e desencadearam a repressão armada. Isso deflagrou uma guerra sem quartel, que durou de 1912 a 1916. Este artigo busca entender os fatores do colapso final desse movimento social, analisando seus aspectos militares.

PALAVRAS-CHAVE: movimentos sociais, insurreição social, milenarismo, Guerra do Contestado, Brasil.

INTRODUÇÃO

Deliberadamente evitei, no título, referir-me a uma guerra camponesa, pois a do Contestado talvez não o seja no estrito sentido do termo. De fato, não foi apenas um dos estratos sociais do Contestado que se levantou em armas, nem houve apenas um conjunto de motivações, universal, para a adesão de indivíduos ou grupos. Na crise estrutural que abalava a região, a participação da massa de camponeses expropriados foi sem dúvida crucial, mas houve também a participação, corporada, de fazendeiros com sua clientela, num corte vertical

¹ Apresentei uma primeira versão deste artigo ao seminário sobre *Campesinato e Política*, conduzido pela Prof^a Dr^a Giralda Seyferth no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980. Na presente versão o artigo foi revisto, reescrito, alterado e aumentado.

que atravessava quase todos os estratos da sociedade regional. E que excluía, somente, os segmentos da “elite” local associados aos interesses políticos e econômicos sobrevividos após a proclamação da República, e à presença de empreendimentos tipicamente capitalistas no interior catarinense. Tomada, no entanto, em sua totalidade, e atendendo à composição majoritária do surto messiânico, assim como às condições globais de sua eclosão e desenvolvimento, ela poderia, em sentido amplo, ser chamada camponesa.

Estarei, aqui, interessado não tanto nas causas do movimento e em seus aspectos internos, mas sim nos fatores de ordem bélica que se fizeram presentes, quer do lado sertanejo, quer do das forças governamentais que o reprimiram; e que, dado o caráter específico daquela luta, acabaram por conduzir à derrota as populações rebeladas contra as manifestações, locais, do poder político centralizado e externo à região em crise. Cabe, no entanto, advertir que, pelo fato de ser este, por agora, um estudo preliminar, e pelo de não ter tido acesso direto às fontes primárias que existem sobre o caso, me limitei, basicamente, aos três estudos mais importantes sobre o conflito (Pereira de Queiroz 1957, Vinhas de Queiroz 1981, Monteiro 1974). Por isso, esta *Reflexão* assume a natureza de um conjunto de hipóteses, levantadas a partir de fontes secundárias,² o que logo a sujeita a revisão futura e verificação sistemática.³ Norteando-a, está a idéia de que os primeiros ajuntamentos religiosos de José Maria já teriam em si mesmos o germe da derrota, e que esta arraigaria, possivelmente, na radical transformação dos padrões de povoamento regionais, sem correlativas alterações na sua tecnologia produtiva, cujas conseqüências foram agravadas pela ação militar dos repressores. A esta última, na fase final da guerra, e não obstante haver sido deliberada em suas intenções, parece ter faltado plena consciência dos efeitos globais e indiretos que provocou, e que se tornaram responsáveis por seu sucesso. Isto porque, em última análise, visando impedir as comunicações e negar a-

² Os dados etnográficos derivam das fontes citadas; os de caráter geográfico, e os relativos ao povoamento da região, foram extraídos de IBGE 1958-64, e de CNG 1960 (Carta do Brasil ao Milionésimo).

³ A natureza exploratória deste ensaio levou a evitar referências bibliográficas constantes, e excesso de notas.

bastecimento aos rebelados, a estratégia empregada teria repercutido ao nível da adaptação ecológica desses últimos, levando-os ao colapso.

* * *

TEATRO DE OPERAÇÕES: terreno, cobertura vegetal, ocupação humana

O teatro da Guerra do Contestado abarcou, entre o início e o fim do movimento, o território catarinense compreendido entre os paralelos de 26° e 28° Sul, e os meridianos de 50° e 52° Oeste, mas concentrou-se a leste do Rio do Peixe e a norte do paralelo de 27° 30' Sul. Seu núcleo mais longamente disputado localizou-se, porém, nos terrenos elevados que fazem a divisão de águas entre as bacias do rio Itajaí, do Uruguai e do Negro-Iguaçu. As diversas características geológicas e geomorfológicas dessa área geral, conjugadas ao traçado dos rios, condicionaram-lhe a ocupação, povoamento e exploração econômica, assim como os processos de defesa adotados pelos sertanejos, e as possibilidades de sua penetração pelas forças interventoras. Isto obriga a considerar, desde já, a geografia da região – ou seja, o terreno sobre o qual se combateu.

Ao contrário do Paraná, onde são bem marcadas as transições entre o *primeiro planalto*, cristalino e coroadado em seu rebordo pela Serra do Mar, o *segundo planalto*, de sedimentos paleozóicos, e o *terceiro planalto*, basáltico-sedimentar, em Santa Catarina essas transições são mais atenuadas. As massas cristalinas, ali, descem e decrescem do norte para o sul, apresentando-se como conjunto de elevações que não formam muralha contínua e abrupta entre litoral e interior. A encosta do Planalto passa, insensivelmente, do cristalino aos sedimentos antigos, quase inexistentes, e, logo depois, àqueles que, com os derrames basálticos, formam a cuesta da Serra Geral. A estrutura desta última, protegida pelo basalto no topo e tendo sob estas camadas sedimentares que mergulham para oeste, em direção ao rio Paraná, explica o traçado dos formadores do Itajaí, que, encontrando os estratos menos resistentes sotopostos ao basalto, escavaram vales subsequentes, que grosseiramente acompanham o rebordo da cuesta. Esta, assim, opõe a

única dificuldade topográfica séria no acesso ao interior, para quem se deslocou segundo um paralelo, vindo da costa da costa atlântica. Mas o Itajaí, correndo para leste sobre o cristalino e o sedimentar, cortando-os, abre-se à penetração, primeiro, de leste para oeste. Trifurca-se depois, e oferece a partir daí três caminhos possíveis: o de seus formadores do norte e do oeste, tendo a cuesta a dominar-lhes a margem direita, e o do seu braço do sul, por ela dominado na margem esquerda.

Já no planalto constituído pelo reverso da cuesta, os rios principais – Negro, Iguaçu e Uruguai –, correndo sobre os terrenos basálticos de topografia suave, levemente inclinada para ocidente, e mantendo-se paralelos ao mergulho das camadas, encaixaram-se mais ou menos profundamente. Isso gerou vales cujas encostas tendem a ser abruptas de ambos os lados, contrastando na forma com os vales assimétricos da base da cuesta, como os do Itajaí e seus formadores. Com um curso obedecendo às mesmas determinantes estruturais, os afluentes daqueles três rios encaixaram-se também, e, no planalto de Canoinhas – prolongamento meridional do segundo planalto paranaense, sedimentar –, isolaram e formaram, ali também, alinhamentos do tipo cuesta. Dominando o todo, as altas superfícies apresentam-se quase planas ou pouco menos, a não ser pelos degraus estruturais que se sucedem em direção ao Rio Paraná. Assim, a visão de um terreno “montanhoso”, difícil, que emerge dos relatos sobre a campanha do Contestado, aparece antes como ilusão topográfica de observadores carentes de mapas e de uma visão de conjunto. Restritos ao fundo dos vales (para quem se deslocava pelo Timbó, Tamanduá, Canoinhas e outros tantos, e também pelos braços do Itajaí), e à parte superior do planalto, ou dos espigões de cimo plano que constituem os interflúvios, eles viram montanhas onde só havia enérgico aprofundamento dos rios a partir de uma superfície sub-horizontal.

Essa ilusão era ainda favorecida por uma cobertura florestal densa e quase ininterrupta, a não ser pelas manchas de campo. A leste do escarpamento da cuesta (Serra Geral) a floresta latifoliada tropical dominava, e introduzia-se profundamente para oeste, ao longo da bacia do Itajaí. No reverso da cuesta, para ocidente, instalava-se a floresta subtropical, dominada, onde não chegavam influências marítimas, por um estrato superior de araucárias, importante pela produção intermitente de pinhões, e fonte permanente de madeira. Sob as araucá-

rias, o sub-bosque, embora menos intrincado que o da encosta atlântica, opunha-se, como ele, a qualquer avanço. Em espaços relativamente restritos, correspondentes a áreas sedimentares (Lajes) ou a prováveis superfícies estruturais do basalto (Curitibanos, Campos Novos, Palmas), havia no entanto campos limpos, envolvidos pela mata de araucária. Na transição entre esta e os campos, a mata perdia o denso sub-bosque e assumia uma fisionomia parquiforme, com os pinheiros, espaçados, tendo entre eles uma cobertura herbácea e rasteira. Espalhadas na mata, encontravam-se ainda concentrações de imbuía, que vieram a ser economicamente relevantes.

Sob esse último ponto de vista, o território em causa apresentou-se, para a ocupação por populações humanas não-indígenas, com potencial diversificado: os campos limpos, assim como a transição entre estes e a mata de araucária, prestavam-se à criação de gado, oferecendo-lhe alimento, e abrigo sob as árvores, no inverno, ali bastante rigoroso. Na mata, era possível a abertura de roças, principalmente de milho, bem adaptado às condições reinantes, e ainda o aproveitamento da erva-mate e do pinhão de araucária. Quando o sistema de transportes o permitiu, tornou-se viável a atividade madeireira: primeiro, exportando os troncos em jangadas, pelo Uruguai, e, mais tarde, pela estrada de ferro. Nisto, o principal lugar coube à imbuía e ao pinheiro, isto é, à araucária.

Por outro lado, a ocorrência de manchas intermitentes de campos entre o Rio Grande do Sul e São Paulo orientou a disposição dos caminhos de gado, com o conseqüente povoamento intermediário; e o vale do Rio do Peixe, diagonal em relação aos do Iguazu e Uruguai, permitiu articular por ferrovia São Paulo com o Rio Grande do Sul. Já os acessos diretos à costa, devido às dificuldades de relevo e manto vegetal, foram secundários e de utilização relativamente tardia; o mais importante veio a ser o da ferrovia entre União da Vitória e São Francisco do Sul.⁴ Assim, a região do Contestado esteve aberta sobretudo

⁴ Em maio de 1947, viajei de trem entre Canelones, Uruguai, e S. Paulo, Brasil, por via de Santana do Livramento, Santa Maria, Marcelino Ramos, União da Vitória / Porto União, Itararé. Isso incluiu percorrer todo o vale e a ferrovia do Rio do Peixe, desde sua foz, nas encrespadas corredeiras do Pelotas-Uruguai, até às nascentes, transpondo, perto de Calmon, o divisor de águas, e descendo para o Iguassú, em União da Vitória. Em 1957, pela estrada de ferro São Francisco do Sul-União da Vitória, fui de Joinville

a influências e povoamento encaminhados no sentido geral norte-sul, e não leste-oeste, como a proximidade da costa poderia fazer prever.

A campanha militar governamental esteve, como o povoamento, submetida a essas características de terreno e vegetação, e seguiu, no estabelecimento de suas linhas de comunicação e pontos de apoio, as tendências historicamente estabelecidas. Seu principal esforço exerceu-se sempre a partir do Paraná, e teve nos vales dos rios Negro, Iguaçu e Peixe suas principais vias de comunicação: ferroviárias e fluviais nos dois primeiros, exclusivamente por estrada de ferro no segundo. O vale do Itajaí só foi utilizado por tropas na última fase da campanha – assim mesmo para permitir a penetração de uma única coluna, a de Estillac Leal –, e para isolar, de modo envolvente, a franja oriental do teatro de operações. Na ofensiva, os avanços estiveram sempre obrigados a seguir os vales afluentes, ou a cortar transversalmente os interflúvios, de vale a vale: mas as descrições indicam que foi nestes últimos que se deram as ações militares propriamente ditas. As tropas só contaram com as facilidades de terrenos planos e limpos nas fases preliminares de aproximação, sobretudo as partidas de Lajes e Curitiba, sendo excepcionais as condições que presidiram ao desastroso ataque de Irani. Regra geral, a zona de combate propriamente dita restringiu-se aos vales estreitos dos rios encaixados, especialmente os que limitam a leste e a oeste o planalto de Canoinhas, no que era, na época, região geograficamente inexplorada, sem cartas militares dignas de fé. A tentativa de penetrar o dispositivo inimigo teria de ser feita praticamente às cegas, embora fossem recrutados guias locais.

Pelo contrário, as forças da Santa Irmandade⁵ tinham de imediato duas vantagens táticas: a de um perfeito conhecimento do terreno e da adaptação a ele, e a de, se quisessem, poderem manter-se sempre

a Mafra, vencendo a encosta do planalto e acompanhando parte do Rio Negro. Ambos os percursos foram em composições puxadas por lentas locomotivas a vapor, queimando lenha, cujos vagões da 2ª Classe, de madeira, tinham assentos desse mesmo material, inteiramente nu, cujos encostos mal chegavam ao meio das costas do passageiro. Obtive, assim, razoável visão da paisagem ao longo dessas duas linhas de comunicação, vitais na história do Contestado; de suas condições de transporte (nesses anos, acredito, bastante parecidas com o que seriam durante a Guerra); e da bem escassa comodidade que proporcionavam.

⁵ Autodenominação dos sertanejos rebeldes.

na defensiva, obrigando o adversário a expor-se, ao avançar. A configuração estratégica geral de sua área nuclear de defesa, atrás definida, era-lhes, nesse sentido, vantajosa. Mas desvantajosa também, na medida em que podia ser isolada de longe, pelo corte de suas linhas de comunicação com o exterior, e, por ele, de sua articulação com o mercado de produtos industrializados. Especialmente de armas, munições, medicamentos e sal. Se não tomassem a ofensiva, ou não garantissem a permeabilidade do cerco inimigo, ver-se-iam – como se viram – privados desses elementos fundamentais. Mas, se a tomassem, teriam de sair do abrigo dos vales e florestas e expor-se a um inimigo que estava melhor preparado para uma luta campal, como adiante se verá. Em termos, portanto, das condições imediatas de combate, e desde que não tentassem alargar ou deixar o território dominado, sua situação era superior à dos *peludos*,⁶ mas, a longo termo, e em virtude da sua não-autonomia tecnológica e econômica, estavam necessariamente na situação inversa. Além disso, outras exigências – alimentares sobretudo –, que não as de mercadorias industriais, forçavam-nos a expor-se: quer para aumentar o território, na primeira fase da guerra, quer para efetuar razias fora dele, na primeira e na segunda fase da mesma. Exigências essas que, acredito, derivaram da alteração do padrão de povoamento regional, e da correlacionada base adaptativa. Se fosse possível obstar a seu atendimento, pelo cerco, isto, mais o corte do acesso a mercado, teria efeitos cumulativos sobre a sociedade atacada, como efetivamente veio a ter.

* * *

POVOAMENTO CIVILIZADO: sistema adaptativo e vias de comunicação

A primeira etapa de ocupação econômica da região serrana catarinense apoiou-se na circulação de boiadas, das vacarias riograndenses para as áreas consumidoras de São Paulo e das minas de ouro e

⁶ Raspando as cabeças, distintivamente, os membros da Santa Irmandade construíram a oposição *pelados* (eles mesmos): *peludos* (os membros das forças repressoras), estas compostas por homens que conservavam o cabelo.

diamantes, logo seguida pela criação extensiva de gado nas manchas campestres do planalto. Lajes primeiro, depois Curitiba, Campos Novos e Palmas localizaram-se excentricamente a quatro dessas manchas, perto de seus contatos com a floresta circundante. Tal localização favorecia o acesso aos recursos, complementares, dos vários ecossistemas e ecótonos em presença, e proteção contra ataques dos índios, mais difíceis em terreno descoberto. Assim, a criação extensiva de gado *vacum* utilizava os pastos naturais do campo limpo e da faixa de transição para a mata de araucária, cujos pinheiros proporcionavam também abrigo aos animais, com menor ameaça da parte dos índios: estes, ali, não contavam com a cobertura que o sub-bosque fornecia alhures.

Nessa mesma transição da mata ao campo, estabeleceram-se roças de subsistência, complementares da atividade de criação para mercado. À medida que a população aumentou, quer vegetativamente, a partir dos que se dedicavam originalmente à pecuária, quer pela chegada de novos ocupantes, muitos deles refugiados das revoltas sulinas do século XIX, o povoamento efetivo progrediu a partir das áreas campestres. Estas interligavam-se por caminhos através da floresta, e foi à margem deles, apesar da insegurança devida aos indígenas, que se instalaram famílias afastadas umas das outras, e dedicadas à agricultura para auto-consumo, complementada por criação de porcos à solta. É provável que a opção pelos porcos derivasse de sua boa adaptação à floresta – a ponto de muitos deles se tornarem *selnagens* –, graças, provavelmente, à abundância do pinhão de araucária. Este, aliás, já fazia parte do alimento humano para os bandos Kaingang, e facilitara a passagem dos bandeirantes em direção às Missões,⁷ integrando-se à dieta das populações serranas até à quase extinção, atual, da mata de araucária. Além dos porcos, que encontravam colocação no mercado das áreas ganadeiras, as famílias isoladas na mata exploravam a erva-mate para vender.

Dessa progressiva ocupação resultaram baixíssimas densidades demográficas, e um padrão de povoamento disperso-concentrado, com as minúsculas concentrações representando uma fase mais velha, e a dispersão seu desenvolvimento posterior. No Contestado, tais ca-

⁷ Jaime Cortesão, Florianópolis, 1957: informação pessoal.

racterísticas acentuavam-se, tendo as maiores concentrações, no período imediatamente anterior à eclosão do movimento messiânico, populações que giravam em torno de quinhentos habitantes, e sendo o resto agrupamentos de poucas casas, ou sítios isolados.

Esse padrão de povoamento antigo alterou-se com o advento da estrada de ferro. Não só pelas novas localidades que surgiram ao longo do seu curso, com tendência previsível para concentrar a população em torno das estações, mas, e sobretudo, pela mudança que introduziu nas formas de apropriação do solo. A concessão de uma faixa com trinta quilômetros de largura em toda a extensão dos trilhos e centrada sobre eles operou a plena transformação da terra em mercadoria, e provocou a expulsão em massa dos antigos posseiros. A grande empresa ferroviária vendeu parte da concessão a companhias colonizadoras particulares, que repassaram as terras a colonos individuais, muitos de origem estrangeira, e, ou, oriundos do Rio Grande do Sul. Além disso, com o fim da construção da estrada-de-ferro, desempregou-se a mão-de-obra que ali servira, e esta ficou no local, alimentando o número dos sem-terra. Mas como é demonstrado cabalmente pelas monografias sobre o surto messiânico, foram os posseiros, despojados de suas posses, que forneceram a base de seu contingente humano.

Eclodido o surto, o imenso número de desarraigados tendeu, desde o início, para uma concentração em torno do Monge, que acabou por atingir proporções muitíssimo superiores às registradas até então. No primeiro ajuntamento, que se transferiu de Campos Novos para Taquaraçu, havia cerca de 300 pessoas, e no choque de Irani eram mais de duzentos os combatentes – o que implica ter havido, ali, um total de indivíduos muito maior, por incluir mulheres e crianças, além dos que combatiam. Posteriormente, nos *redutos* surgidos durante a guerra, a população oscilou de 300 a 5.000 habitantes, existindo, ainda, *guardas* e aldeolas isoladas, de porte menor.

À concentração desse povoamento corresponderiam, necessariamente, aumentos de densidade demográfica local, no raio de ação econômica direta de cada reduto. Mas não mudanças, ao que se sabe, nas técnicas de produção e de utilização do ambiente. Estas, adaptadas a condições de exploração extensiva, em que a superfície territori-

al e a capacidade de suporte do ecossistema não parecem ter funcionado como fatores limitantes para a população humana, provavelmente não se prestavam às exigências das novas densidades. É possível que sua continuada aplicação, se se tivesse dado, viesse a redundar no rápido esgotamento dos recursos, e a forçar à migração intermitente. Mas não foi isto que sucedeu. Pelo contrário: o estado de “festa permanente”, a que se refere Monteiro (1974), conduziu à redução do trabalho produtivo a um mínimo, e à sua substituição, por algum tempo, pelo consumo de bens acumulados, trazidos de fora ou havidos localmente.

Era de regra, para aderir à *Santa Religião*, desfazer-se das riquezas pessoais, redistribuindo-as ou simplesmente abandonando-as. Isto gerou para os ajuntamentos um fictício excedente, que neles manteve abundância enquanto durou, sendo completado por doações de simpatizantes, que, sem se incorporarem à *Irmandade*, para ela contribuíram com gado e outros recursos. Quando esse “excedente” acabou e minguaram as doações, muitos retornaram a suas plantações e fazendas para buscar o que haviam deixado, partilhando-o nos redutos, pois as roças e criatórios em torno deles parecem ter sido insuficientes para os manter. Findo esse expediente, outra solução não restou que a de recorrer a razias – que arrebanhavam gado e produtos agrícolas –, cujas vítimas eram os reconhecidos opositores do movimento. Com as razias, era possível obter alimento para os *pelados*, além de couros, que, vendidos e transformados em moeda, possibilitavam a indispensável ligação com o mercado industrial. Deste modo, os *redutos* acabaram por se tornar, economicamente, dependentes do território inimigo imediato àquele que globalmente dominavam; e isto só aumentou a sua vulnerabilidade: se ficassem contidos nos limites desse último, a prazo mais ou menos longo estariam condenados. Quando o cerco se apertou, estrangulando as linhas de abastecimento externas, e reduzindo a extensão e eficácia das razias, escassearam os produtos industrializados essenciais, e também o alimento capturado.

Com isso, as poucas roças e os animais dos redutos esgotaram-se, chegando a consumir-se cavalos; mais tarde, caíram numa insustentável economia de quase caça e coleta, incompatível com as altas taxas presumíveis da concentração de povoamento e densidade demográfica local. Insustentável, possivelmente, tanto pela sobrecarga

imposta à capacidade do ambiente para tal tipo de exploração, quanto pela necessidade de se dedicar maior tempo a fins econômicos, que assim se tornariam, não sabemos a que ponto, mais ou menos excluídas em relação às atividades guerreiras. No Contestado, a divisão social do trabalho não parece ter implicado em claras especializações econômicas e marciais, se disto se exceptuarem os líderes e os Doze Pares de França.⁸ Isto, é evidente, teria exposto a população masculina à permanente tensão entre as exigências da economia e as da ação militar. Assim, pelo menos em termos teóricos, os homens economicamente produtivos teriam de atender às suas necessidades de subsistência e às dos não-produtores, que deles direta ou indiretamente dependiam, e isto de um modo que gerasse, ainda, tempo excedente, capaz de ser dedicado à guerra propriamente dita.

Os dados disponíveis parecem indicar que tal meta foi impossível de atingir, quando deixaram de haver os tais “excedentes fictícios” acumulados. E desse modo, face à incapacidade de suprir as exigências grupais, surgiu um excesso populacional em relação ao alimento disponível, e a fome instalou-se. As conseqüências dela foram mais graves em função da concentração demográfica nos redutos, e de suas precárias condições sanitárias, ambas propícias às contaminações epidêmicas, agravadas pela falta de remédios. As doenças carenciais devem ter também oferecido campo propício às de caráter infeccioso, e as taxas de morbidade e mortalidade elevaram-se a níveis catastróficos, como registram os relatos contemporâneos. Conscientes do problema, os sertanejos trataram de livrar-se do excedente de não-combatentes, mediante sua rendição em massa, e houve quem os acusasse – já nos tempos de Adeodato – de haverem chegado a sacrificar

⁸ Os Doze Pares de França eram um grupo de elite, constituído por 24 cavaleiros, revestidos de importantes funções políticas, militares e rituais. Seu título derivava dos 12 Pares da gesta de Carlos Magno. Sobre a origem dessa designação, Pereira de Queirós (1957a, 1957b) argumenta que viria de uma interpretação literal e errônea da palavra *Pares*, tomada como significando “pares de indivíduos”, ou seja, “dois indivíduos”, que, multiplicados por doze, dariam os 24 Pares da Santa Irmandade. Tenho reservas quanto a essa argumentação. Sugeri solução alternativa, procurando demonstrar todo um processo de transformações estruturais, de ordem ritual e semântica, operadas nas festas das Cavalladas, de inspiração carolíngia, que tornam os 12 heróis da Gesta medieval nos 24 Campeões do Contestado, reunidos sob a égide do Imperador do Espírito Santo (v. Agostinho, 2000, no prelo).

os imprestáveis. Mas nem isso lhes permitiu manter viável a continuação de sua guerra.

Ao que me parece, foram esses os fatores decisivos para o colapso das forças sertanejas, mais que o resultado direto dos combates. Eles apontam, em termos militares, que seu ponto mais vulnerável não estaria tanto no plano tático ou estratégico, quanto no plano logístico. E que tal ponto vulnerável seria inerente aos novos padrões de distribuição populacional, à divisão do trabalho nessa nova sociedade rural que tenta construir-se a si mesma, sobre base predominantemente camponesa, e ainda a seu particular nicho adaptativo. Entretanto, a estratégia adotada por Setembrino de Carvalho contribuiu decisivamente para exacerbar essa falha do sistema, impedindo-o de funcionar.

* * *

A GUERRA: meios, táticas, eixos de apoio, estratégia e colapso

Antes, porém, de entrar na consideração das estratégias que adotaram, impõe-se breve consideração dos meios disponíveis para os dois adversários. De início, deve ficar apontada a decisiva vantagem que era, para as forças repressoras, o fato de serem especialistas de tempo integral na atividade guerreira, com manutenção e equipamentos assegurados por outros setores de sua sociedade. De responsabilidade dessas forças, quanto ao abastecimento, era apenas manter abertas e operantes as vias de comunicação, e o planejamento local de sua distribuição e emprego; o planejamento logístico e a obtenção dos bens necessários era feita longe, nos centros maiores de administração e poder. Estavam portanto livres de um dos principais óbices militares dos sertanejos. Além disso, a produção de armas e munições ficava em sua retaguarda, e não para além das linhas inimigas, como acontecia àqueles últimos. De um modo geral, e para a aquisição de material bélico, o dispositivo repressor caracterizou-se por estar apoiado em *linhas internas* de comunicação, dependendo os rebelados de *linhas externas*, longas e vulneráveis, e de contrabando capaz de encarcerar a mercadoria. Quanto às *linhas internas* da área rebelada, serviam

apenas para estabelecer ligação e cobertura entre os *redutos*, e para assegurar a retirada de uns para outros quando a situação se tornava insustentável.

Em tais condições, seria de prever equipamento precário de um lado e abundante de outro; isto de fato aconteceu, mas é preciso fazer alguns reparos, pois o terreno e a cobertura vegetal intervêm na avaliação das armas de fogo empregadas em qualquer combate.

Do lado governista, registram-se algumas secções de metralhadoras, e número menor de canhões e obuses. Eficientes em locais abertos, era freqüentemente difícil transportá-los; e seu campo de tiro ficava severamente limitado pelo estrato inferior da mata. As metralhadoras atiravam quase às cegas para dentro dela, e os canhões tiveram de procurar eminências para efetuar tiro direto – o que implicava em arrastá-los e às suas munições por encostas abruptas. Quanto ao fogo dos obuses, cuja trajetória, mais curva que a dos canhões, facilitaria o tiro indireto e dispensaria galgar os espigões, tornou-se difícil de executar. Isso, provavelmente, porque a floresta e a falta de mapas dificultariam medir azimute e distância dos alvos, gerando erros de dados. Estes afetariam a regulagem da coneteira ou deriva das peças, e a de seu ângulo de elevação – elementos de cuja exatidão depende o ajuste da direção e do alcance no tiro indireto: sendo, portanto, cruciais fatores de sua precisão.

Em Santa Maria, o canhão não funcionou (como não funcionou a metralhadora em Irani), e um dos obuses teve de ser posto num alto, de onde realizou tiro direto. Como as casas eram frágeis demais, os projéteis atravessavam-nas sem rebentar... Assim, o bombardeio revelou-se sempre pouco eficaz, a não ser contra o povoado de Taquaraçu: mas depois dessa arrasadora experiência, os sertanejos aprenderam a retirar-se dos redutos bombardeados e a procurar refúgio na mata.

Por tudo isso, pode-se concluir que, tomando em conta a topografia, a vegetação e o tipo de combate, o fuzil individual foi a arma mais eficiente dos governistas. Registram-se Comblains, Mannlichers, Marlins e Mausers, e, se os últimos citados tiverem sido dos modelos 1894, 1898 ou 1908, seriam dos mais modernos e aperfeiçoados. Com um carregador de cinco tiros e uma culatra de ferrolho, sua cadência

de fogo era inferior à da arma preferida pelos caboclos. Estes, sempre que podiam, usavam Winchesters .44:⁹ Com um magazine tubular¹⁰ e mecanismo de alavanca, garantem uma cadência de fogo muito superior à dos Mausers, e possivelmente dos Mannlichers. Embora me faltem dados quanto aos Marlins de que há notícia, pode-se admitir que seriam do modelo 1873, ou posterior; se for esse o caso, e embora haja diferenças mecânicas entre seu funcionamento e o dos Winchesters, suas ações de alavanca, e os magazines tubulares de ambos, tornam-nos muito semelhantes para o atirador engajado na luta. Em termos práticos, suas cadências de tiro devem ter sido muito próximas uma da outra; isto não obstante o fato de que diferenças na capacidade dos magazines, em geral superior nos modelos Winchester, obrigariam a remunciar os Marlin com maior frequência, e diminuiriam sua cadência teórica de tiro. Mas, é provável, não o bastante para estabelecer, entre as duas marcas, significativa diferença na potência de fogo em condições de combate grupal.

Por outro lado, os Mannlichers e Mausers têm alcance maior que o dos Winchesters, mas na floresta tal vantagem de certo modo anulava-se. Com fogo à vontade, os sertanejos podiam tirar o máximo

⁹ Armas menos aperfeiçoadas foram de emprego corrente, e em grande quantidade. No Museu da Polícia Militar catarinense existia, em 1955-7, uma coleção de armamento capturado no Contestado, que em 1975 estava no museu militar de Florianópolis. Tinha, além das espadas de pau usadas no corpo a corpo, espingardas de antecarga e cápsula de percussão, e mesmo as de fabricação caseira. Entre estas, as mais rudimentares, mas mesmo assim perigosas, eram de carregar pela boca, com um cano de ferro ou aço, tendo como ouvido um simples furo que recebia espoletas de papel. Seu mecanismo de disparo era constituído por um gatilho e um “cão”, que, tracionado por uma tira elástica, talvez de borracha, percutia o fulminante. Gatilho e “cão” eram de arame grosso e dobrado, havendo “cães” feitos com uma fivela de cinto, que girava de diante para trás em gonzos laterais, improvisados à frente do ouvido. Armas desse tipo, ditas “colecos”, eram comuns, em 1950-1952, na região de Itatiaia, Vale do Paraíba, RJ. Para que a espoleta não caísse do ouvido, este era cercado por fina camada de cera de abelha, à qual o papel adería. Não havia, aí, fivelas transformadas em “cães”. (Obs. pessoais de P.A.).

¹⁰ O modelo 1866 (com fogo periférico, mais tarde convertido para fogo central) tinha 13 tiros na versão carabina, e 17 na versão rifle (fuzil). Não possuo especificações para os modelos 1873 e 1894, mas o aspecto das armas indica pertencerem ao mesmo padrão geral. Todos eram, fora o primeiro, de fogo central, o que dava segurança contra ruturas e fuga de gases na base dos cartuchos, permitindo cargas mais potentes que as do modelo 1866 de fogo periférico. Desde 1873 os Marlin, análogos aos Winchesters, competiam, com estes, no mercado norte-americano de armas leves, longas, com ação de alavanca.

de seus rifles e outras armas, e ainda dos fuzis capturados aos soldados. Estes, por sua vez, parecem ter ficado ainda mais limitados devido aos seus métodos de tiro, pois há referências a “descargas cerradas” (entenda-se, provavelmente: *fogo de salva*) em plena mata: Tal método, dependendo de comandos sucessivos, torna o fogo lento, embora eficaz contra cargas, em batalha campal ou guerra de trincheiras. Mas não aconteceria o mesmo na floresta, onde o inimigo se ocultava como formidável massa de franco-atiradores.

Essa inadaptação, do armamento das tropas e de seu uso, derivava, sem dúvida, de um fator de ordem cultural: a transposição pura e simples de doutrinas militares e de técnicas européias para um ambiente que lhes era estranho, e contra métodos de guerra estranhos também. Ao contrário da doutrina européia, a prática sertaneja não procurava a batalha: furtava-se a ela sempre que podia, recuando perante um avanço, hostilizando-lhe a vanguarda e fustigando-lhe os flancos, ao que parece com o intuito de o deter ou retardar, mas não de destruir o inimigo. Se o intuito fosse este, teria procurado envolvê-lo e cortar-lhe a retaguarda, isolando-o para liquidá-lo. Obrigadas a deslocar-se em longas filas, e arrastando armamento pesado, para as tropas do governo o fustigamento era de qualquer modo oneroso, e só foi aliviado quando o Capitão Potiguara inovou as táticas, mantendo guardas flanqueantes de ambos os lados da coluna; essas, enquanto a força principal se mantinha firme na trilha, avançavam lentamente por dentro do mato, eliminavam os atiradores de flanco e envolviam os sertanejos que se opunham à vanguarda, obrigando-os a retirar. Foram essas táticas inovadoras que levaram à ocupação e destruição de Santa Maria, mas não à de suas forças combatentes, que sempre abandonavam o terreno quando pressionadas.

Desse modo, a ação militar direta revelou-se incapaz de extinguir o movimento; e os sertanejos, superiores para o combate na mata. Tendo, pelo que se pode deduzir, aquele tipo de ação como alvo último, o Gal. Setembrino de Carvalho¹¹ introduziu concepção estratégica mais ampla na repressão. Essa, até então, consistia em procurar os redutos e destruí-los, proteger a circulação da via férrea, e defender das razias as áreas e povoados adjacentes ao território rebelde. Setem-

¹¹ Comandante desde setembro de 1914.

brino procurou envolvê-lo completamente, primeiro para lhe cortar as *linhas externas* de comunicação, depois para o conter, e, posteriormente, para o reduzir, de modo gradativo, mediante uma pressão sobre todo o perímetro. Esta ação esteve apoiada sobre três eixos.

O primeiro foi o dos vales navegáveis dos rios Iguaçu e Negro, com o caminho de ferro, que, vindo do mar em S. Francisco do Sul, galgava o Planalto e marginava esses rios até Porto União; segundo, a ferrovia que acompanhava o vale do Rio do Peixe, para ligar, através de Porto União, São Paulo ao Rio Grande do Sul; e terceiro, os vales do Itajaí e Itajaí do Oeste, por onde a coluna de Estillac Leal chegou ao Planalto. A esses três eixos de apoio correspondiam as colunas do leste, do norte e do sul, que deveriam acercar-se do território inimigo e procurar junção entre si, o que, aliás, só parcialmente foi conseguido. Nessa concepção, os vales do Negro, Iguaçu e Peixe, assim como os do Itajaí do Norte e Itajaí de Oeste com suas cuestas, marcavam limites claros e de manutenção relativamente fácil -- só ficando em aberto a frente sul, devido à orientação dos rios e à presença de grandes extensões campestres -- Campos Novos, Curitibanos, Lajes. Essa brecha foi preenchida pela coluna vinda do Itajaí, que assim completou o envolvimento.

Diante do cerco, os *redutos*, tomados em seu conjunto, formavam um sistema de defesa em profundidade. Interligados por trilhas, contando com *guardas* e *redutos* menores protegendo os maiores, e com forças móveis que de várias direções podiam marchar em socorro, tornavam qualquer penetração direta perigosa, e precária quanto à duração. Isto ficou provado pelas incursões partidas de Canoinhas contra o Vale do Timbó e Santa Maria, pela que de Mafra atingiu Papanduva, e pela que de Canoinhas ajudou a destruir o reduto de Santa Maria. Cumpridas suas missões, que hoje se chamariam “de busca e destruição”,¹² todas elas regressaram às bases, sem ocupar efetivamente o terreno inimigo. E, nele, os rebeldes continuaram a existir, cada vez mais empurrados para as cabeceiras dos rios, em sua área nuclear de resistência.

As incursões, se não foram eficazes para a ocupação do território, foram complemento coerente do corte das linhas de comunica-

¹² As operações de “*search and destroy*” fizeram época no Vietnam.

ção, porque, dos redutos destruídos na periferia, as populações retiraram para os mais interiorizados. Com isso, tudo indica que aumentou a concentração demográfica nos que restavam; e que estes, não podendo atender localmente a tantas bocas, estavam também impedidos de obter gêneros pelas razias, e material bélico pelo contrabando com os centros urbanos. Neste sentido, a estratégia de Setembrino, além de sua manifesta intenção direta, operou de modo indireto. Com isso, agravou os efeitos, previsíveis, da transformação radical do padrão de povoamento, e conduziu ao colapso do Movimento -- talvez, apenas, pela aceleração de um processo que, de qualquer forma, se teria manifestado mais cedo ou mais tarde.

(Recebido para publicação em outubro de 2003)
(Aceito em dezembro de 2003)

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

AGOSTINHO, Pedro. Império e Cavalaria na Guerra do Contestado. *Ilha*. Florianópolis: Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social / Universidade Federal de Santa Catarina, 2000. 27 p. (no prelo).

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. (Org.). *Carta do Brasil ao milionésimo*. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. (Org.). *Atlas Nacional do Brasil*. Rio de Janeiro. IBGE, 1966.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (Org.). *Enciclopédia dos municípios brasileiros. Grande Região Sul*. Rio de Janeiro: 1958. v. 10.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (Org.). *Enciclopédia dos municípios brasileiros. Grande Região Sul*. Rio de Janeiro: 1960. v. 11.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (Org.). *Enciclopédia dos municípios brasileiros. Grande Região Sul*. Rio de Janeiro: 1960. v. 12.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século. Um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *La "Guerre Sainte" au Brésil. Le mouvement messianique du Contestado*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras / USP, 1957a..

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O movimento messiânico do Contestado e o folclore.. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2, 1955, BAHIA. *Anais...*, Salvador: Artes Gráficas – Universidade da Bahia, 1957b. p. 221-228.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Trois survivances portugaises dans la civilisation brésilienne. *Bulletin des Études Portugaises*, Lisboa, n. 27, p. 221-235, 1966.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e conflito social. (A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. São Paulo: Ática, 1981.

